

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : ST

CLASS. : Carl. Salgado

DATA : 18 03 89

PG. : 04 *20*

OS MITOS DA AMAZÔNIA E O BODE EXPIATÓRIO

Por Sol Biderman

A

controvérsia sobre o uso e mal uso da Amazônia abrange muito mais do que a área geográfica da região. Inclui

também os conceitos, no Brasil e no estrangeiro, da marcha da civilização como progresso ou regressão, dos mitos do fim do mundo, e da manipulação política do bode expiatório.

Há muitos grupos brasileiros, particularmente em meio ao governo, que estão convencidos de que o Brasil pode fazer o que quiser na Amazônia — dentro do território brasileiro. Se o Brasil decidir queimar todas as árvores, ele tem esse direito, ainda que crie efeitos ecológicos adversos para outros países, e até mesmo para a região. Há grupos internacionais que acreditam que a Amazônia é um patrimônio da humanidade, o pulmão da terra, e a destruição da floresta resultaria em danos irreparáveis para todos os cidadãos do mundo.

Os dois pólos desta controvérsia têm características marcadamente ideológicas. A posição de que

o Brasil tem o direito de destruir a floresta amazônica se quiser tem tons nitidamente nacionalistas. Ora, os outros países do mundo.



desperdiçaram suas florestas e recursos naturais. Por que o Brasil não pode fazer o mesmo, se quiser? Os defensores da soberania brasilei-

ra têm toda razão no sentido de preservar a Amazônia para o Brasil, mas levantam a bandeira do nacionalismo para criar um inimigo suposto, um bode expiatório a fim de desviar a atenção dos grandes problemas nacionais, esperando que o país ou instituições importantes do país se unam para fazer frente a uma pretensa investida contra a integridade territorial. O esforço de grupos preservacionistas em tentar frear a devastação da Amazônia é interpretado como um plano maquiavélico de ocupar ou controlar parte do território nacional.

Movimentos ecológicos estão tentando convencer os banqueiros internacionais de não mais emprestar dinheiro ao Brasil para projetos que podem afetar a ecologia da região. Esses grupos nos EUA, e na Europa têm sido muito eficientes em criar obstáculos para projetos que, no seu entender, afetam a flora e fauna e a qualidade da vida humana. Os oleodutos do Alasca levaram muitos anos a mais e custaram bilhões de dólares além do que fora orçado, devido à preocupação dos

grupos ecológicos com o respeito à proteção das renas da região. Esses grupos levantam a voz contra projetos considerados questionáveis ecologicamente, projetos esses que são e foram financiados parcialmente com dinheiro do contribuinte norte-americano. O mesmo se diga dos grupos europeu. "Existe a preocupação de que o mundo vai acabar destruído pelo próprio homem. Citam o chefe índio, Seattle, que, no século passado, advertiu os homens sobre o efeito nocivo para a humanidade, quando a natureza é envenenada. Agora que estamos perto do ano 2000, acreditam que o homem destruirá a vida no planeta, e que o buraco do ozônio é um sinal dessa destruição, e que a queima das árvores da Amazônia está aumentando esse buraco e causando transformações desastrosas no clima mundial, com seca, fome, carestia, guerra, grande mortandade. Que se lembre as profecias de Padre Cicero, Antônio Conselheiro, Frei Damião e outros escatologistas. "Os ecologistas acreditam que o mundo está ficando cada vez pior, uma crença que existe há milhares

de anos e que podemos classificar como "pejorismo", uma visão pejorativa da marcha da história, contrastando com o "melhorismo" dos que acreditam que o mundo está ficando cada vez melhor. Esse valor positivista se encontra na bandeira brasileira, "ordem e progresso", nas filosofias e Comte e alguns fundadores da república brasileira, e em alguns jingles e canções norte-americanas do início do século:

Look for the silver lining
When'er a cloud appears in the blue
Remember somewhere the sun
is shining

And so the right thing to do
Is make it shine for you...

e
Every day in every way I am getting
better and better and better.

Agora os americanos que antes cantavam "Look for the Silver Lining" vêem o mundo à beira do apocalipse ecológico, e os brasileiros, que antes entoavam frases como "ordem e progresso", são os culpados dessa hecatombe futura por deixar queimar a Amazônia.

Antes a Amazônia fora considerada como o futuro celeiro do mundo. Somente, em anos recentes, quando foi descoberto que as terras da região eram fracas, com algumas raras exceções, a Amazônia transformou-se no pulmão do mundo, segundo a mitologia moderna. As transformações da região — a derubada da floresta, a busca de um pedaço de terra por milhões de imigrantes, e os efeitos (sempre classificados como "danosos") das novas represas — transformaram o Brasil, na mitologia mundial, num vírus tuberculoso, destruidor do pulmão da humanidade. É óbvio que o Brasil deve preservar seus recursos naturais na Amazônia mais do que o fez no passado. É óbvio, outrossim, que o Brasil não tem mais culpa no cartório ecológico que outros países. Parece evidente, também, que não existe nenhum plano de tirar a Amazônia do Brasil. Ainda assim, enquanto a batalha corre acesa, mitos digladiando-se com mitos, a floresta começa a rarear.

O autor é escritor e secretário-executivo do Overseas Press Club